

UNIVERSIDADE BRASIL

A ARTE E A CIÊNCIA DE FAZER O ADULTO APRENDER

AUTORES: Alex Sandro Tomazini/Aline Cardoso

RESUMO

Este trabalho visa levantar a problemática do crescimento populacional dos idosos e a necessidade de sua integração à sociedade melhorando sua qualidade de vida e seu ensino-aprendizagem. O trabalho parte do histórico social referente a esta faixa etária, analisando o “tornar-se velho”; trazendo à tona a discussão do tema andragogia. Retrata a situação em que eles se encontram no século 21, quando passam de assistidos para assistentes familiares; suas transformações físicas e psíquicas; a necessidade de “ressignificados”; as doenças da idade; as doenças sociais, como o desemprego e a aposentadoria; as doenças psicossomáticas como a solidão e a depressão e a urgente necessidade de uma nova postura política e social diante da maturidade. Na sequência, apresenta-se o despertar da sociedade para esta realidade, e os avanços conquistados por esta classe social. Resgatamos o importante papel da Arte usada largamente na antiguidade como promotora da saúde e da integração do homem à sociedade, elevando sua autoestima primordialmente através da valorização de sua memória cultural.

Palavras Chave: EJA; Artes; Educação.

INTRODUÇÃO

Na América Latina, aproximadamente 40% da população idosa não possui nenhum tipo de renda. O Brasil é o único país latino-americano onde a cobertura de seguridade social é maior no campo do que na zona urbana. Nas áreas rurais brasileiras, 70% dos indivíduos acima de 60 anos continuam trabalhando. Esses homens em sua maioria o fazem por necessidade, e não por satisfação.

Existem vários conceitos de idade. A *idade cronológica* é mensurável. Existe em função de práticas administrativas como, por exemplo, a aposentadoria. A *idade biológica* representa a saúde e vitalidade, e está relacionada ao desgaste físico sofrido pelo indivíduo como consequência dos trabalhos pesados ou com doenças, e não está relacionada necessariamente à

sua idade cronológica. A *idade social* determina regras sociais como entrar para a escola aos seis anos de idade, dirigir aos 18 anos e aos 65 anos, se aposentar. Nem sempre a pessoa corresponde ao que se espera da idade cronológica. A *idade existencial ou social* refere-se à somatória das experiências pessoais acumuladas ao longo dos anos. Esta é a que deveria ser valorizada como forma de reconhecimento por toda uma vida ativa e é a que tem menor significado dentro do nosso contexto social, econômico e administrativo.

OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo identificar e refletir sobre os métodos de ensino utilizados para a educação de adultos. Faz-se necessário que se desenvolvam metodologias pedagógicas voltadas a atender os anseios deste aluno, que precisa saber o que e para que está estudando e como poderá aplicar este conhecimento no futuro. A Andragogia, através de seus métodos, se apresenta como importante ferramenta, favorecendo e estimulando o adulto a aprender.

METODOLOGIA

Para esta pesquisa, utilizaremos como metodologia o estudo bibliográfico de livro, revistas e de artigos científicos publicados na plataforma Scielo.

Os referenciais teóricos, uma vez compilados, serão lidos, estudados e fichados a fim de confeccionar uma redação clara e organizada sobre os principais conceitos que embasam o tema gerador. Durante a redação do referencial teórico, lança-se mão da análise qualitativa e crítica sobre as diferentes concepções e entendimentos sobre a andragogia. Nesse sentido, procura-se apresentar um texto claro e preciso, que servirá de consulta para diferentes públicos e que trará diferentes reflexões sobre o tema tratado.

DESENVOLVIMENTO

Entrar para a terceira idade não é *entrar para o tempo de espera da morte*, e sim, para o tempo de colher os frutos de uma existência inteira, preservando e valorizando o conhecimento de vida; a cultura amadurecida com os anos. O envelhecer é um longo processo, extremamente complexo, pouco conhecido, e para o qual, poucos se preocupam em preparar-se. A transição

para a meia-idade, dos 50 aos 70 anos aproximadamente, é acompanhada por grandes e profundas transformações. Além da constante mudança física e corporal, acontecem as transformações psíquicas e sociais. Este processo pode ser visto no parágrafo seguinte:

Presos em um vestibulo escuro, entre duas maneiras de ser: uma antiga e uma nova. Uma porta se fechou e a outra ainda não se abriu. É como uma gestação; um tempo necessário para a transformação: entre a lagarta para a crisálida e a crisálida para a borboleta. Esta foi a definição dada para a passagem à 3ª idade, pela professora e psicóloga Rosana Spessoto L. Barros, em sua palestra Resignificações e Novos Sentidos do Envelhecer.¹

A medicina atual promove uma melhor qualidade de vida. Geriatrias e gerontólogos se unem neste intuito. Entretanto, envelhecer gera medo. A ideia de que se pode ficar dependente, inválido e frágil é ameaçadora. O indivíduo começa a morrer simbolicamente pela incerteza e expectativa de chegar lá. Perdem o interesse pelo mundo externo. Acham-se entediados pelas tarefas diárias e somatizam suas frustrações em dores pelo corpo. O indivíduo volta para dentro de si e se fecha a ponto que se sentir invisível. O idoso perde o seu *significado*; adapta-se à sua nova realidade. De acordo com Paulo Freire (1996), a pessoa massifica-se dentro do contexto da inutilidade e da incapacidade; da passividade. Este homem que se deixa massificar, que se acomoda e se ajusta a tudo sem questionar, perde a sua liberdade e sua capacidade criadora às quais facilitariam resolver seus déficits orgânicos e intelectuais. Na velocidade dos avanços tecnológicos, o idoso é deixado para trás, não tendo oportunidade de se integrar. Desta forma, se acomoda. É o que Paulo Freire sintetiza neste parágrafo:

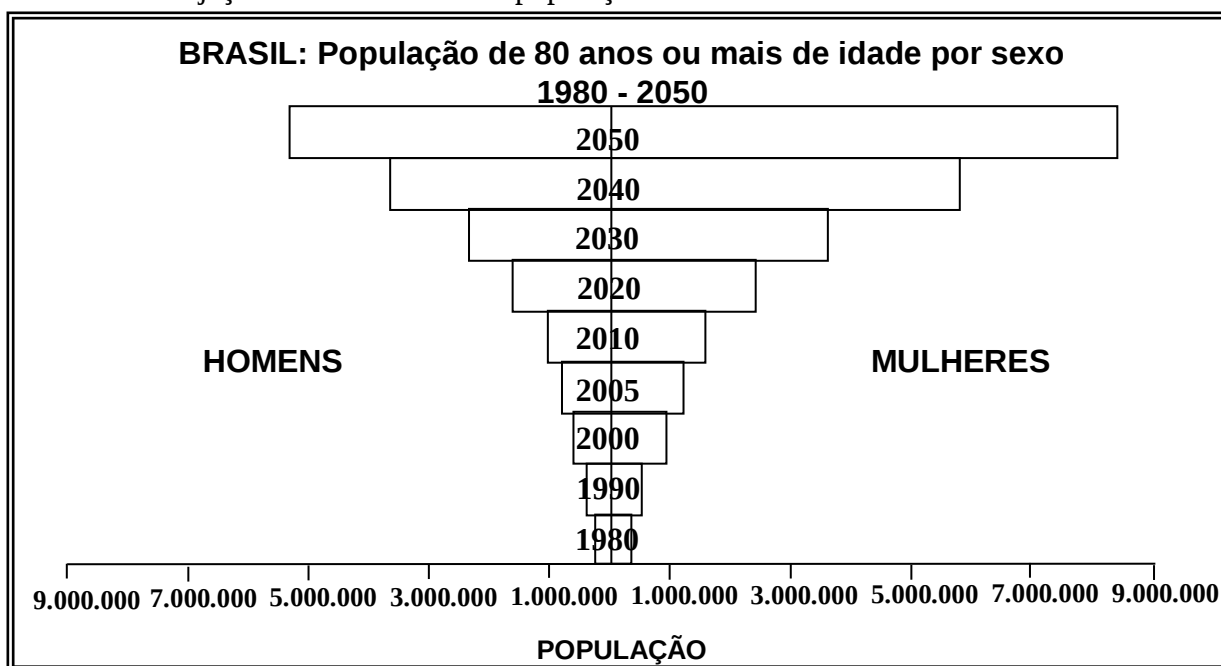
Apesar do seu disfarce de iniciativa e otimismo, o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar fixamente e, como que paralisado, para as catástrofes que se avizinham ... Por isso, desde já, salienta-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, *apreendendo temas e tarefas de sua época* (FREIRE, 1996, p.23).

Nesta fase de “inadaptação”, o sofrimento, a insegurança, o desequilíbrio e as incertezas levam muitos idosos a se refugiarem no alcoolismo, nos remédios antidepressivos e a somatizarem suas frustrações no corpo, procurando causas físicas para seus males psíquicos.

Uma das grandes mudanças que o século 21 vai enfrentar é o aumento da longevidade humana, associado às constantes quedas de natalidade e de mortalidade infantil. A previsão é de que a antiga “pirâmide etária” se transforme num quase “retângulo etário”, ou seja, crianças na mesma proporção que adultos.

Em 1930, no Brasil, a expectativa de vida da população era de 47 anos. Em 1993, passou para 67,7 anos e em 2003, chegou a 71,3 anos². Para se ter uma ideia mais precisa do crescimento da população idosa, de 2002 a 2003, ela passou de 16 milhões para 16,7 milhões de indivíduos com mais de 60 anos de idade.

Tabela 1 – Projeção do crescimento da população idosa – 1980 - 2050



Fonte <http://www.IBGE.com.br>

Como podemos constatar com o gráfico acima, a população idosa vem aumentando significativamente. Sua média de crescimento é projetada para 3% ao ano até 2050. Isto significa que, em 2050, teremos 25% da população com mais de 60 anos.

De acordo com Helle Alves (2002), com tal projeção, de excluído, marginalizado e desrespeitado, *o idoso terá que ser integrado, considerado e imprescindível para o bom andamento do mundo.*

Porém, apesar de todo descaso e despreparo, o censo de 2003 mostrou que as pessoas mais velhas estão passando da condição de assistidas e dependentes para a condição de assistentes da família. Resultados do Censo de 2000 surpreenderam ainda mais: 25% dos lares brasileiros eram chefiados (e em geral mantidos) pelos idosos. Seis milhões de “velhos brasileiros” ajudam descendentes, informa a pesquisa do IBGE publicada no dia 25 de julho de 2000. Além de cuidarem da casa e dos netos para que os filhos possam trabalhar, assumem suas famílias quando os mesmos se encontram desempregados. Com o desemprego e a falta de qualificação dos jovens, os idosos estão em melhor condição objetiva de vida, possuindo algum patrimônio e sustentando a família com sua aposentadoria. Portanto, sua presença no lar não aumenta a pobreza, mas contribui para sua diminuição. Com tudo isso, o *velho* está se modificando, pois volta a ter grandes responsabilidades para com a família:

O perfil do idoso está mudando. A um observador minimamente atento torna-se cada vez mais evidente a progressiva visibilidade social dos nossos velhos. A despeito da desatenção das autoridades públicas, a 3ª idade vem conquistando direitos graças à organização de mobilização de suas próprias forças. (Dr. Danilo Santos de Miranda, Diretor do SESC-SP – revista “A terceira Idade”, abril/2002).

João Paulo II, na “Carta aos Anciãos” disse: A velhice é uma etapa a cumprir-se no ciclo da vida, no caminho do homem para a eternidade.

Portanto, se estamos a caminho da eternidade e queremos deixar nossas marcas; se nossa média de vida aumentou e muitos de nós entraremos na terceira idade; se a medicina avançou a ponto de prolongar a vida; se o indivíduo idoso retoma a fase produtiva como provedor familiar, torna-se essencial que se lhes prepare um futuro melhor, consciente, participativo e cheio de significados.

Se esperarmos viver não só cada momento, mas ter uma verdadeira consciência de nossa existência, nossa maior necessidade e mais difícil realização *será encontrar um significado em nossas vidas.* É bem sabido que muitos perderam o desejo de viver, e pararam de tentá-lo, porque tal significado lhe escapou. Uma compreensão do significado da própria vida não é subitamente adquirido numa certa idade, nem mesmo quando se alcança a maturidade cronológica. Ao contrário, a aquisição de uma compreensão segura do que o significado da própria vida pode ou deveria ser é que constitui a maturidade psicológica. E esta realização é o resultado final de um longo desenvolvimento: *a cada idade buscamos e devemos ser capazes de achar alguma*

módica de significados congruentes com o “quanto” nossa mente e compreensão já se desenvolveram (BETTELHEIM, 1980, p. 11).

A condição social das pessoas mais velhas vem melhorando paulatinamente. Várias conquistas já saíram do papel, porém, são pouco cobradas. Num país desenvolvido como a Itália, por exemplo, existe a 4ª idade; indivíduos com mais de 85 anos. Lá, o ministério público atende gratuitamente qualquer problema que estes venham a ter. Shows, teatros, cinemas, futebol têm 50% de desconto. *Idade não é motivo de impedimento para qualquer contratação profissional.* Podemos notar que a realidade brasileira é bem diferente.

Aqui no Brasil, em muitas cidades, os idosos possuem transporte gratuito, apesar de ainda serem tratados com descaso e má vontade por parte de alguns motoristas. Possuem assistência médica pública e vários remédios gratuitos, fornecidos pelo governo, inclusive para doenças degenerativas. Na área habitacional é reservada uma pequena porcentagem das residências dos conjuntos habitacionais para pessoas com mais de 60 anos. Muitas cidades já contam com o Conselho Municipal do Idoso, orientá-los e auxiliá-los em suas necessidades. Porém, são poucos os que têm acesso a estas informações, desta forma, não procurando seus direitos (???????AUTOR DA FRASE).

Existe uma preocupação efetiva da sociedade em tirar estes indivíduos do isolamento social, até mesmo por questões econômicas, pois, idosos que não se sociabilizam, engrossam as filas dos postos de saúde, aumentando os gastos públicos com atendimento médico e remédios.

Além dos geriatras que cuidam da saúde das pessoas da “melhor idade”, surgem com força total a Gerontologia, enfocando tanto os grupos de convivência quanto as fases do desenvolvimento humano.

O idoso integrado à sociedade, participativo, ativo e com autoestima elevada, além de ter menos gastos com doenças, é um consumidor em potencial, movimentando as finanças dos municípios.

Os anos da velhice podem ser muito agradáveis para quem vem vivendo de forma razoável, porém, o ancião passa por diversos desafios ao longo desta nova etapa da vida, dentre eles, o declínio de suas capacidades; a aposentadoria e o desafio da readaptação social; as doenças; a solidão; a rejeição. Para se falar em bem-estar, elevação da autoestima e valorização da memória cultural de um indivíduo, não podemos descartar a existência destes problemas como parte significativa de suas vidas. Todos estes fatores podem dar início a um processo de *stress*, interferindo sobremaneira na saúde e na qualidade de vida do idoso, como podemos confirmar no parágrafo seguinte:

Segundo o Dr. Hans Selye, o processo do stress começa com um acontecimento externo e desgastante, que provoca uma reação interna (sentimento ou emoção).

Imediatamente o cérebro processa o sentimento ou emoção e, com base nos seus valores ou nas suas crenças inconscientes, a pessoa toma uma decisão, considerando que existe uma ameaça ou um perigo físico ou psicológico em potencial. Este processo é primordialmente inconsciente (...) Ocorre de forma espontânea, um conjunto de reações fisiológicas. A pressão sanguínea sobe, a frequência cardíaca acelera-se, a produção de adrenalina aumenta, os vasos sanguíneos estreitam-se, os níveis de colesterol aumentam, etc. (UNDERWOOD, 1992, p. 83).

Como pudemos ver anteriormente, os problemas enfrentados pelos idosos não estão relacionados apenas à idade, sendo que a pobreza é fator preponderante para determinar sua qualidade de vida. Os obstáculos a serem vencidos ganham uma dimensão maior. O despreparo para a aposentadoria, o medo das doenças e os problemas emocionais e sociais ganham um papel importante devendo ser considerados.

A sociedade tem dúvidas quanto à capacidade do idoso. Quando não são rejeitados, são tratados como bibelôs que só servem para ocupar espaço em algum canto da casa. Subestimamos sua força e capacidade criadora. Porém, quando motivados por fatos extremos que lhe forcem retomar suas atividades ou assumir novas responsabilidades, sua capacidade intelectual é recuperada, passando a desempenhar funções antes esquecidas.

Lúcia Reily, em seu livro “Armazém de Imagens”, trabalhou a produção artística com pessoas deficientes. Com este minucioso estudo, ela comprovou que, por meio da Arte, o indivíduo busca e encontra um sentido para si e para a comunicação, verbal ou não verbal com o outro, ao mesmo tempo em que lhe elevava a autoestima, por ser um “artista”.

Nos processos inconscientes, a psicanálise acredita que a criação leva à redução da tensão criada pelos impulsos. Todos precisam de equilíbrio e a Arte é um meio de exprimir formalmente a necessidade, que é a fonte dos nossos desequilíbrios. Para Freud, a criação é explicada por intermédio de fenômenos catárticos, isto é, alívio promovido pela expressão de um conflito, restaurando o controle do ego ameaçado pelos instintos reprimidos.

A Arte usada de forma terapêutica é a Arte pela Arte, sem visar o resultado final: a obra de Arte. A transformação alcançada é mais importante que a produção artística em si. Ela auxilia a resolver problemas intrínsecos, de forma verbal ou não verbal, consciente ou inconsciente, sem forçar resultados, mas oferecendo recursos para o desenvolvimento das potencialidades pessoais, reconciliação dos conflitos ou distúrbios emocionais, facilitando a autopercepção, a superação de obstáculos, a criatividade e promovendo a saúde e o

desenvolvimento integral do indivíduo³. Irá trabalhar aquilo que outras áreas do saber não conseguiram: o trauma de um acidente; a frustração de um divórcio; a briga dos pais assistida pelo filho; uma doença degenerativa, etc. Com a Arte, atingimos sentimentos fortes e perturbadores sendo que o objetivo não é o de reprimi-los, mas torná-los suportáveis. Na psicologia, o estudo dos sentimentos, emoções, pensamentos, sonhos e ideias através da Arte, tiveram início com Jung⁴, na década de 20.

Através das Artes Plásticas, das Artes corporais, da música entre outras⁵, o indivíduo trabalha o subconsciente, liberando energias acumuladas que são prejudiciais à sua saúde física e psíquica. A Dra Alda Ribeiro sintetiza a importância da Arte para o idoso quando diz que são as cores, formas, sons, cheiros, sabores, contatos, agradáveis ou não, que nos mostram estarmos vivos; e que permitir ao nosso cérebro continuar estimulado é evitar que ele perca a capacidade de reagir, de se manter em forma. (1991). Quanto mais se estimula o cérebro, mais ele continua funcionando. Pessoas mentalmente ativas rendem mais e conservam a autoestima elevada; a estimulação mental é parte importante de qualquer plano para promover o bem-estar. A Arte facilita o processo de desbloqueio emocional e de ressignificação da terceira idade. Nunca é tarde para começar a trilhar o caminho da Arte. Sófocles⁶ produziu algumas de suas melhores peças quando estava com mais de 80 anos.

Os benefícios adquiridos com a Arte são muitos, desde a melhora da saúde física, fornecendo mais energia, quanto promover relacionamentos mais satisfatórios, trazendo com isso mais felicidade. A Arte tem o poder de alcançar emoções profundas, reorganizando a maneira de como encaramos o mundo e a nós mesmos. O *criar* permite o desbloqueio das emoções guardadas no subconsciente ou aquelas mal trabalhadas, permitindo ao sujeito a readaptação e o equilíbrio, trazendo um bem-estar geral. Com a Arte podemos trabalhar a depressão; o stress; dificuldades de aprendizagem; de relacionamento; retardar os efeitos do mal de Alzheimer; no tratamento de psicóticos ou toxicômanos; o medo; a insegurança; etc.⁷ Desta forma, estimulando a criatividade, há uma melhora na qualidade de vida aumentando a autoestima e favorecendo o autoconhecimento. A este trabalho de promoção da saúde através da Arte, damos o nome de Arte-Terapia.

O objetivo da Arte é entender e modificar como você apresenta as coisas para si mesmo. (Brown, 1997, p. XIV).

O ato de observar pinturas, ler poemas e histórias, ouvir música e assistir uma peça de teatro poderá fazer você se sentir melhor; e como pintar, representar, escrever e fazer música elevarão sua auto-estima e ajudarão você a resolver problemas com criatividade (BROWN, 1997).

De acordo com Helle Alves (2002), a auto valorização, a auto-estima e a determinação de ser independente pelo maior tempo possível é o que faz a diferença entre envelhecer bem ou mal.

A Arte-Terapia, na 3ª idade, tem o papel de uma faxina. Se ao longo dos anos acumulamos tantos papéis, objetos de recordação, livros velhos e tantas outras coisas das quais custamos a desfazer por acharmos alguma importância nelas; nossa mente funciona da mesma forma, guardando valores e ideias, sentimentos e lembranças ruins; preconceitos, muitos deles superados; rancores; orgulho ferido, raivas e culpas por atos cometidos. O arquivo de nossas mentes fica abarrotado de coisas que já não tem significação nenhuma, ocupando um espaço valioso.

Com certeza, nesta limpeza, encontraremos muitas coisas significativas e preciosas, que explicam nossa identidade, nossa maneira de ser; mostram nossas raízes.

Aliviar nossa carga é algo que devemos fazer o quanto antes, para que possamos viver em plenitude e nos tornar mais leves e fortes. Eliminando pensamentos negativos e depreciativos, alcançamos pensamentos positivos, elevando, desta forma, nossa segurança. Como dizem os sábios: o autoconhecimento é a base da sabedoria.

África, quando um idoso morre, o povo diz que uma biblioteca desaparece. Secretário Geral da ONU, Kofi Annan (Beauvoir, 1968, p. 25).

Memória é a capacidade de reter ideias adquiridas. Guardamos lembranças boas ou ruins que foram significativas e que são despertadas ao contato com algum estímulo exterior. A memória é um mecanismo do cérebro que, às vezes, trabalha com associações. Acontecimentos do passado influenciam nosso presente.

Há três tipos de memória: a *memória automática*, que está relacionada com tudo que fazemos todo o tempo e não precisamos pensar para tal; a *memória afetiva* que está relacionada com as nossas experiências e recordações e a *memória cognitiva*.

Vivenciamos os sentimentos em nosso corpo. Eles estão guardados intactos em nossa memória cognitiva. A memória ligada ao sentimento de um fato vivido fica arquivada em nosso subconsciente.

A utilização da Arte como forma de valorizar a memória cultural do idoso, parte do princípio de se utilizar todos os recursos artísticos disponíveis, adaptando-os à realidade individual, resgatando sua contribuição pessoal. Trabalhando com a memória cultural, estaremos contribuindo com a autovalorização e promoção do bem-estar do indivíduo.

Antigamente, as tradições, os costumes e o saber eram *transmitidos oralmente*. Ainda em povoados interioranos, muito do conhecimento é transmitido, de geração a geração, pela fala. As receitas de família; as ervas medicinais; os brinquedos feitos de materiais encontrados na região; o artesanato; as cantigas, crendices populares e tantas outras maravilhas são preservadas na memória cultural do povo. “Muito admirado”, mas pouco valorizado este tipo de saber raramente emerge do esquecimento. Existem inúmeros recursos, dentro da Arte, que podem ser adaptados para o efetivo resgate de legado cultural do idoso. Muitas instituições já desenvolvem um programa dentro deste objetivo. Escolas, comunidades, museus entre tantas outras, iniciaram um projeto de coleta dos dados, histórias, fotos, músicas e toda informação possível de se registrar; para que este conhecimento não se perca e, mais do que isso seja divulgado. A autoestima de quem deu o seu depoimento aumentou de forma surpreendente. É a sua história se transformando em notícia; é a sua vida sendo valorizada; é tornar público aquilo que era, até então, anônimo e sem significado.

Meu passado é o em-si que sou enquanto ultrapassado: para tê-lo, é necessário que eu o mantenha existindo através de um projeto; se esse projeto é conhecê-lo, é preciso que eu o torne presente, rememorando-o para mim mesmo. (Beauvoir, 1990, p. 445).

De acordo com os livros “*Arte Terapia – fundamentos*”, de Daniel Brown e “*Teoria e técnica da Arte-terapia – a compreensão do sujeito*”, de Sara Pain e Gladys Jarreau, foram sugeridas várias técnicas terapêuticas de se trabalhar a Arte. Estaremos citando algumas delas que cabem perfeitamente na proposta de *resgate da memória cultural*, dentro do universo da terceira idade:

Contar histórias pode ser algo muito prazeroso e construtivo. Para quem as conta ou as escuta, verídicas ou não, elas podem modificar sua maneira de pensar sobre a vida ou sobre você mesmo.

O maior contador de histórias da humanidade foi Jesus. Ele, sendo um grande comunicador, escreveu através de parábolas para que elas perpetuassem e fossem compreendidas em todos os tempos.

As histórias fornecem um conjunto diferente de referências com as quais você associa seus pensamentos e sentimentos, além de modelos emocionais muito fortes – maneira de ajeitar e ver o mundo. (Brown, 1997, p. 73). Em seu livro *Psicanálise dos Contos de Fada*, o psiquiatra Bruno Bettlheim, usa os contos de fada para tratamento de distúrbios psicológicos, pois eles têm um enorme poder de transformação. As histórias encantam pelas lições transmitidas e pelo uso que fazem dos *símbolos*; onde uma rosa, por exemplo, não é apenas uma rosa; dependendo do contexto, está ali representando o amor, a paixão a sexualidade ou a ruína.

Ler e escrever histórias é mais adequado para trabalhar problemas que necessitem mudanças grandes, a longo prazo. Elas mostram possibilidades através de fatos ou de ficção. (Brown, 1997, p. 75).

Confúcio, o grande filósofo da Antiguidade, acreditava que a boa melodia pode melhorar o caráter. Ele dizia que a música de um homem de mentalidade nobre é suave e delicada e que ela anima e move. Os gregos antigos a usavam para curar ou prevenir doenças, pois conheciam seus efeitos benéficos sobre estados físicos e mentais.

Ao escutarmos uma música, a diferença entre os acordes, os ritmos e as melodias, influenciam nossa respiração, pulsação e sensações. Elas podem nos estimular ou tranquilizar.

Recordar uma música de nossa vida pode trazer à tona uma série de sentimentos arquivados em nosso subconsciente, despertando nossa memória emocional. As músicas que nos deixam felizes elevam nossa autoestima. Pacientes com suspeita de mal de Alzheimer, ao se lembrarem das canções de sua infância, voltam a sorrir e ter memória.

Aldous Huxley disse: Palavras são o fio do qual puxamos nossas experiências. Quando retratamos nosso conhecimento em um poema, liberamos a imaginação, trabalhamos nossas emoções, fazemos uso dos símbolos, e com isso, pegamos as rédeas de nossas vidas; *temos o controle e a compreensão*.

As palavras, dentro da poesia, podem realinhar nosso mundo emocional, além de exercitarem nosso vocabulário, destreza e criatividade. Os conhecimentos médicos da antiguidade abrangiam o que hoje chamamos de Medicina Alternativa. Naquela época, eles usavam, com profundo conhecimento, a Arte, as cores, o sons, os aromas, o movimentos, as

encenações, etc, com fins curativos e preventivos. Em Epitauro⁸, o teatro foi construído próximo a um centro de curas sendo usado para tratamento de doenças físicas e espirituais.

Ao assistirmos uma peça de teatro, ou mesmo ao representarmos, nossa mente é *massageada*. Somos levados, inconscientemente, a refletir sobre questões diversas, reorganizando nosso mundo mental, o que reflete na organização de nosso mundo físico.

Dentro da Arte dramática, encontramos o psicodrama, assim chamado por Jacob Levy Moreno. Ao assumir papéis diferentes, o indivíduo atinge a compreensão de si mesmo. A isto, a psicologia dá o nome de transferência.

Nestas formas de se trabalhar a Arte temos um riquíssimo campo de se desenvolver a criação, a autorrealização, a memória emocional ligada há tempos pretérito.

O ancestral da marionete é o jogo mascarado do feiticeiro, onde as pessoas se escondiam atrás de máscaras utilizadas nas cerimônias religiosas.

Incorporando uma máscara ou fazendo uso de uma marionete, muitas reflexões podem surgir. Elas neutralizam o indivíduo que assume o papel desejado, sem com isso ser identificado, censurado ou sofrer repressões, o que lhe dá uma oportunidade de testar outras formas comportamentais. Quem assiste é levado a refletir sobre o tema, se identificando ou não com o personagem, e trabalhar, desta forma, suas emoções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda uma longa história de rejeição e abandono sofrida pelos indivíduos que alcançaram a terceira idade, hoje estabelecida pela ONU aos 60 anos, o mundo começa a visualizar o grande problema que irá enfrentar caso não se estabeleçam políticas sociais que incluam esta grande porcentagem da população pertencente a esta faixa etária, visto que a projeção do crescimento populacional do idoso está estimada em 3% ao ano, ou seja, saltaremos dos aproximados 600 milhões para 2 bilhões de “seniores” em meados do século 21.

Podemos considerar como primeira medida, o Estatuto do Idoso, lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Esta lei, saindo efetivamente do papel, estabelecerá uma nova situação favorável às pessoas da terceira idade.

Quanto aos seus deveres, o cidadão idoso conhece bem, pois como provedor familiar, sua cota de responsabilidade só aumenta. Porém, quanto aos seus direitos como cidadão da terceira idade, destaca-se do Estatuto do Idoso, o Capítulo V, artigos 20º ao 25º da referida lei, que fala sobre os seus direitos quanto à cultura, lazer, esportes, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade. A parte relevante desta lei, para este estudo, está descrita no artigo 21, parágrafo 2, referente à transmissão dos conhecimentos e vivência às gerações posteriores no sentido de preservar sua memória e identidade cultural.

A questão em foco é a qualidade de vida desse indivíduo da maior idade, que abrange não somente a sua saúde e bem-estar, mas sua integração social e o aumento de sua autoestima pela preservação de sua memória cultural. Ao se valorizar a memória cultural, valorizam-se igualmente suas lutas, sua biografia. O que era imperceptível e sem valor, passa a ter significado não somente para si próprio, mas para toda uma sociedade.

A Arte ressurge neste ponto como uma alternativa, oferecendo recursos para o desenvolvimento das potencialidades pessoais, reconciliação dos conflitos emocionais, facilitando a autopercepção, a superação de obstáculos, a criatividade, visando o resgate cultural e a valorização da vida, promovendo a saúde e o desenvolvimento integral do homem. Não importam os resultados artísticos da obra, mas a transformação ocorrida no processo da criação, quando o “artista” da terceira idade busca dentro de si o que expressar na obra. Este fato de sentir-se valorizado tornando pública sua história de vida; trabalhando seus sentimentos; reorganizando suas ideias, certamente o conduzirá à plena realização.

Mais vale não pensar na velhice, mais vale viver uma vida de homem bastante engajada, bastante justificada, para que se continue a aderir a ela, mesmo quando já se perderam todas as ilusões e quando já arrefeceu o ardor vital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Helle. **Andragogia**. Santos: Ed. Independente, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 3ª ed. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BETTLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. vol. 24. Trad. Arlene Caetano. Ed. Paz e Terra, 1980.

BROWN, Daniel. **Arte-terapia: fundamentos**. Trad. Karina S. F. De Mendonça. São Paulo : Vitória Régia, 2000

ESTATUDO do Idoso. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.

FRAIMAN, Ana Perwin. **Coisas da idade**. São Paulo : Ed. Gente, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MALDONADO, Maria Tereza; GOLDIN, Alberto. **Maiores de 40**: um guia de viagem para a vida. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

MARIN, Alda Junqueira. **Educação, Arte e criatividade**: estudo da criatividade não verbal. São Paulo: Pioneira, 2016.

REILY, Lúcia. **Armazém de imagens**: ensaio sobre a produção artística de pessoas com deficiência. Campinas, São Paulo: Papirus, 2011.

RIBEIRO, Alda. **Manual para viver bem uma longa vida**. São Paulo: EGRASA, 2012.

SALGADO, Marcelo Antônio. **Velhice, uma nova questão social**. São Paulo : SESC-CETI, 2010.